



## XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

### GT-2 – Organização e Representação do Conhecimento

#### SOCIOTERMINOLOGIA E VARIANTES: FUNDAMENTOS PARA A REPRESENTAÇÃO DE TERMOS EM TESAURUS

#### *SOCIOTERMINOLOGY AND VARIANTS: FUNDAMENTALS FOR THE REPRESENTATION OF TERMS IN THESAURUS*

Natanna Santana de Moraes. UFPB.

Virgínia Bentes Pinto. UFC.

#### Modalidade: Trabalho Completo

**Resumo:** O presente artigo apresenta um diálogo entre a Socioterminologia e os estudos acerca da dinâmica dos termos presentes nas terminologias de especialidades. Os termos enquanto unidades terminológicas são elementos que compõem os tesouros e logo detêm um papel fundamental no uso dos sistemas de organização do conhecimento. O objetivo geral é analisar, na literatura, os aspectos conceituais e metodológicos da Socioterminologia para viabilizar o estudo das variantes e a fundamentação terminológica direcionada aos tesouros. Desse modo, o intuito consiste em revisitar os principais conceitos do tema e promover uma visão geral entre os autores. A metodologia se orientou na Revisão de literatura enquanto estudo bibliográfico capaz de sintetizar resultados acerca do tema de modo a descrever os principais tópicos mencionados pelos autores. A compilação apresenta achados teóricos e práticos, além de caracterizar os fundamentos socioterminológicos. Indicou os aspectos gerais da variação e o mapeamento de variantes, dentre elas as variantes terminológicas.

**Palavras-Chave:** Socioterminologia. Tesouros. Variantes terminológicas.

**Abstract:** This article presents a dialogue between Socioterminology and studies on the dynamics of terms present in the terminologies of specialties. The terms as terminological units are elements that compose the thesauri and therefore have a fundamental role in the use of knowledge organization systems. The general objective is to analyze, in the literature, the conceptual and methodological aspects of Socioterminology to enable the study of variants and the terminological foundation directed to thesauri. Thus, the aim is to revisit the main concepts of the theme and promote an overview among the authors. The methodology was guided by the Literature Review as a bibliographic study capable of synthesizing results on the subject in order to describe the main topics mentioned by the authors. The compilation presents theoretical and practical findings, in addition to characterizing the socioterminological foundations. He indicated the general aspects of variation and the mapping of variants, among them the terminological variants.

**Keywords:** Socioterminology. Thesaurus. Terminological variants.



## 1 INTRODUÇÃO

Os termos são colocados como particulares e restritos ao contexto de uso segundo os parâmetros teóricos e conceituais de cada área ou domínio do conhecimento. Nos sistemas de organização do conhecimento, como os tesouros e as taxonomias, os termos são unidades estruturais e imprescindíveis destinadas à representação e à recuperação. Na particularidade dos estudos e da construção de tesouros, as normas, abordagens e métodos aplicados tentam solucionar problemas como as dispersões léxicas, buscando referenciais teóricos e metodológicos em disciplinas como a Terminologia e a Linguística.

É importante reconhecer a urgência na adequação dos sistemas de organização do conhecimento, principalmente, tesouros e taxonomias, frente ao desenvolvimento e às atualizações das terminologias, como por exemplo, o caso daquelas utilizadas pela medicina e enfermagem. Outro fator importante é a difusão dessas terminologias no contexto sociocultural e a presença constante delas no cotidiano de não especialistas ou especialistas em níveis iniciais de formação profissional e acadêmica. Nesse contexto, surgem as chamadas variantes linguísticas e terminológicas que podem implicar na utilização de tesouros. As variantes são inseridas em ambientes profissionais científicos e tecnológicos por meio do aparecimento de sinônimos, termos não identificados ou não integrantes da estrutura de uma terminologia pautada na Teoria Geral da Terminologia (TGT). Em outras palavras, podem acarretar perdas durante os processos de representação e recuperação. Nessa perspectiva, a Socioterminologia vem ao encontro dos diálogos que permitem compreender os termos considerando o âmbito social em que as terminologias estão inseridas. **Questiona-se** então: quais aspectos conceituais e metodológicos a Socioterminologia fornece para a compreensão das variantes e a fundamentação terminológica aplicadas aos tesouros?

Tendo como premissa esse problema de pesquisa, definiu-se como **objetivo**: analisar, na literatura, os aspectos conceituais e metodológicos da Socioterminologia viabilizando o estudo das variantes e a fundamentação terminológica direcionada aos tesouros.

O percurso metodológico caracteriza-se enquanto revisão de literatura por consistir na investigação exploratória de uma bibliografia que fornece embasamento para compreender fenômenos e objetos. Em específico, esse tipo de revisão possui os seguintes intuitos: busca por informações; viabilização de uma avaliação crítica; intenção de organizar os achados de



um determinado tema; construir uma síntese dos resultados; identificar controvérsias na literatura e formular perguntas para futuras pesquisas (TAYLOR; PROCTER, 2011). Buscou-se aplicar princípios da análise de conteúdo para identificar estudos, mapear resultados e sintetizar possíveis respostas aos questionamentos elencados inicialmente.

E, por fim, acredita-se que essa pesquisa possa trazer contribuições para outros estudos contemplando a temática em questão.

## **2 REVISITANDO A SOCIOTERMINOLOGIA**

Embora o termo “socioterminologia” tenha eclodido na década de 1970, na essência das discussões sobre a terminologia, sua institucionalização conceitual somente se sustenta a partir de 1980. O esboço foi iniciado diante das observações posteriores aos trabalhos desenvolvidos e já consolidados na Terminologia. A herança deixada pela Teoria Geral da Terminologia (TGT) e a escola de Viena, com as contribuições de Eugen Wüster, permitiram o trabalho prático e disciplinar, ambos disseminados nas comunidades das ciências físicas e naturais. Depois, outros desdobramentos teóricos e metodológicos focados em assegurar a comunicação técnica-científica foram apresentados. Um desses desdobramentos direcionados ao estudo da língua de especialidade pode ser compreendido na Socioterminologia. Duas perspectivas conduziram essa nova noção disciplinar: a abordagem teórica iniciada pelos trabalhos de Yves Gambier na Finlândia e Louis Guespin na França; e a abordagem prática desenvolvida em Quebec no Canadá (GAUDIN, 2014). Tais reflexões vêm ao encontro de Yves Gambier (1987, p. 320) ao afirmar de que “um termo não pode ser visto somente com relação à um sistema [...] ele também tem a ver com o seu funcionamento, sobre o terreno das contradições sociais. [...]”. Ou seja, “Quem utiliza o que? Quem inova? Como e por que os termos se difundem? Como eles se ajustam ou como ocorrem as reformulações terminológicas? etc”.

A atenção dada para a etiqueta normativa, em virtude do vínculo entre o termo e o conceito, não era suficiente para solucionar questões percebidas diante do desenvolvimento das tecnologias e da comunicação científica. Além disso, as preocupações de uma política linguística emergiram das reflexões acerca da circulação e da gestão dos termos ao considerar os aspectos sociais ligados à territorialidade e às particularidades do meio discursivo. Eis que permitiria contrapor a visão universalista da tradição normativa dos termos e possibilitar uma leitura dos limites e dos elementos, dos quais as fronteiras da comunicação se organizam e se



reorganizam, na medida em que a geopolítica e a institucionalização técnico-científica detêm papéis importantes. Nesse contexto, Boulanger (1991) aponta o surgimento dos problemas de funcionamento discursivo no ambiente profissional, pois segundo o autor, há uma margem que precisava ser considerada entre a produção de termos na linguagem e a produção de discursos. O mesmo ocorre com outras demandas envolvendo, por exemplo diferentes comunidades profissionais, como o caso de pesquisadores de Quebec e de Paris, que mesmo tendo o francês como principal idioma, possuem costumes e aspectos socioculturais distintos. Gaudin (2014) destaca nessa perspectiva que a circulação dos termos está projetada sob o ângulo da diversidade dos usos sociais, englobando o estudo das condições de veiculação e de apropriação dos termos, dos sendo considerados enquanto signos linguísticos e não somente considerados etiquetas de conceitos.

Essa disciplina esteve adquirindo, além de um método analítico aplicado, uma posição de disciplina de caráter teórico focada em contribuir com o desenvolvimento de pesquisas teórico-práticas que atentam para o termo e suas variantes, principalmente, utilizando-se de uma síntese metodológica balizada na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem (FAULSTICH, 1995). As pesquisas socioterminológicas estariam voltadas para o estudo da circulação dos termos em sincronia e diacronia, integrando a análise e a modelagem de significados e conceituações, além de proferir uma dimensão sociocrítica, pois esta é agregada à semântica do discurso, na medida em que liga a produção de sentido dos termos às condições de seu aparecimento (GAUDIN, 2005). A sua vez, Boulanger (1991) salienta que Socioterminologia poderia ser entendida como uma ponte necessária entre duas margens: a primeira, a da terminografia como registro, prática descritiva e normativa; e a segunda, a da terminologia como fonte de planejamento linguístico. Já para Gaudin (2005, 2014) essa disciplina comporta-se ao mesmo tempo como uma abordagem interacionista e sociolinguística, considerando os discursos institucionais, técnicos e científicos, além do conteúdo terminológico e a dupla influência da sociolinguística teórica e da sociolinguística de campo. Em análise geral, o autor também comenta a difusão social do termo e as explorações na área da glotopolítica, este último “[...] que surgiu na década de 1980, está na origem de parte das análises da circulação social dos termos” (GAUDIN, 2007, p.27, tradução nossa).

Assim como a Terminologia, a Sociolinguística antecede a Socioterminologia, para tanto é imprescindível entender o objetivo de cada uma e a relação delas no contexto das



linguagens de especialidade. A diferenciação e a interação entre a Sociolinguística e a Socioterminologia é que a primeira trata da variação social no âmbito da língua geral e de suas mudanças, já a segunda trata da LSP (*Language for specific purposes*) e se ocupa na investigação da variação social do termo e suas mudanças identificadas nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico (BOULANGER, 1991; SILVA, 2007). Enquanto a Terminologia segundo Cabré é uma disciplina cujo objeto de estudo são unidades a serem analisadas funcionalmente, formalmente e semanticamente, e tem como basilar os princípios e as condições fundamentais para a estrutura teórico, dentre os quais: o princípio da poliedricidade do termo; princípio do caráter comunicativo da terminologia; princípio da variação; condição de linguagem natural; condição de comunicação especializada; e condição de especialização (CABRÉ, 2005). Se a Terminologia tradicional entra com o fator normativo e teórico basilar, e a Terminografia está já consolidada com a elaboração de dicionários, glossários e outros documentos terminológicos, a noção “sócio” acrescenta contribuições no planejamento e na pesquisa linguística ao investigar fatores que modificam a dinâmica da comunicação. Em realidade, as pesquisas em Socioterminologia permitem identificar e categorizar as variantes linguísticas dos termos em distintas situações de uso, tornando-se uma tarefa de sistematização das mesmas (SILVA, 2007). As observações partem do uso da língua. É analisando o modo como os termos são utilizados pelos falantes que a noção “sócio” tem a finalidade de assimilar características analíticas. Em reflexão, o discurso já registrado pela literatura científica garante que parte desse modo de utilização seja estudado. Entretanto, é com a imersão no discurso proferido e falado diariamente entre produtores e usuários da terminologia de um domínio que as categorias e as características das variantes podem ser estudadas de acordo com a comunidade discursiva.

### **3 ASPECTOS DA PESQUISA SOCIOTERMINOLÓGICA**

Depois das primeiras publicações apresentadas François Gaudin, e Yves Gambier na década de 90, se dedicam a difusão da perspectiva socioterminológica para além dos territórios franco e canadense. Gaudin (2014) relata como essa disseminação do termo aconteceu entre os pesquisadores, dentre eles: a fundamentação apresentada por Enilde Faulstich no Brasil; a conceituação descrita por Mario Barité no Uruguai; e Johan Myking na Noruega com a interrogação da aplicabilidade do modelo socioterminológico. Essas fronteiras foram de certo modo possibilitando questionamentos acerca dos aspectos práticos, uma vez



que outras propostas no quadro geral da Sociolinguística e da Terminologia foram inseridas, como por exemplo, o sociocognitismo apresentado por Temmerman (2000) e a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) por Cabré (2005).

A pesquisa socioterminológica incorporou princípios da sociolinguística, tais como: os critérios de variação linguística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança; os princípios da etnografia, levando em conta o modo de observar comunicação entre membros da sociedade; e a capacidade de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou gerar termos diferentes para um mesmo conceito (FAULSTICH, 1995). Ao adotar a etnografia, buscou-se capturar uma síntese metodológica mais próxima aos avanços históricos, dos quais também são pertinentes para a construção dos conceitos, logo, permitindo que outros métodos de combinação de construção e de registro de terminologias fossem empregados.

No livro intitulado *Socioterminologie: Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*, Gaudin (1993) explica que a atenção destinada aos campos como o da interação e a etnografia atesta uma abertura multidisciplinar ainda pouco difundida e que os contornos de uma socioterminologia que abrangem um campo interdisciplinar inclui as contribuições da semiótica narrativa, da sociologia da comunicação, da semântica discursiva, da etnometodologia e da etnografia da palavra. Contudo, há poucas pesquisas teóricas e conceituais desenvolvidas nas duas últimas décadas que deixam claro o potencial metodológico, ou incorporam a etnografia ou até mesmo que revisita a proposta de Faultstich (1995). A saber, a etnoterminologia e a tradução etnográfica estão presentes em estudos e no desenvolvimento de dicionários e glossários, dos quais são caracterizados por temáticas que exploram a Terminologia no âmbito da diversidade cultural, o uso e o aparecimento de termos populares em comunidades indígenas e em outros contextos etnoculturais.

Um dos principais tópicos de delineamento mencionados por Gaudin (2005; 2007; 2014), quando ele apresenta os aspectos da Socioterminologia, é a presença da abordagem glotopolítica. Esse conceito reflete em perspectivas que visualizam a sobreposição da hegemonia das ações políticas da Linguística diante das dimensões da fala, principalmente, se considerarmos a diversidade linguística entre os países e suas culturas.

Ao falar de glotopolítica, neutralizamos, recorrendo à forma grega *glotto-*, as oposições entre língua e fala, enquanto um termo como política linguística só leva em conta as ações mais visíveis. Agora, no circuito que liga a fala e a linguagem, várias decisões intervêm. Pode ser o banimento de uma língua



imigrante em casa, a anglicização por uma empresa de sua comunicação, o registro por um lexicógrafo de novas formas, a escolha de garantir ou não os intérpretes em um congresso, etc. E isso não exclui decisões políticas, ou a falta delas. Ao falar de glotopolítica, insistimos, portanto, na pluralidade de níveis decisórios que, do individual ao do Estado, participam da gestão, evolução e gênese contínua das linguagens. Isto é um modelo dinâmico – ou seria dizer dialético – que permite pensar a linguagem e a fala não como dois fatos separados, mas como dois pólos: a linguagem é o que permite interações linguísticas, nas quais ela se recria e se renova. E são essas duas racionalidades que uma atitude inspirada no modelo glotopolítico procura levar em conta. (GAUDIN, 2007, p. 30, tradução nossa)

Isso faz menção as terminologias difundidas não somente aquelas com forte tradição no gerenciamento e nas propostas linguísticas formalizadas no Oeste da Europa e na América Anglo-Saxônica, mas sim aquelas que buscam abranger as reivindicações e as necessidades encontradas nos contextos de outros países, como os da África, Ásia e América Latina. Daí questionamentos como a insuficiência das normas, a amplitude universal dos termos e suas traduções emergem para serem analisados e compartilhados na literatura científica. Outra questão é a pluralidade encontrada nesses novos alcances terminológicos, visto que “[...] o equipamento terminológico das línguas africanas suscita preocupações sociais e políticas às quais a Socioterminologia pode dar algumas respostas ” (GAUDIN, 2007, p. 26, tradução nossa). Resumindo, uma abordagem glotopolítica necessita lidar com os diferentes níveis, dos quais estão presentes desde a decisão teórica até os instrumentos metodológicos adaptados à descrição pertinente do uso dos termos (GAUDIN, 2014).

No Brasil, as preocupações em virtude da prática podem ser esboçadas no início da década de 1990, quando mais precisamente em 1995 o periódico Ciência da Informação do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) publica a edição “Terminologia: disciplina da nova” com a inclusão de alguns artigos que apresentam diálogos práticos e teóricos da Socioterminologia na CI (Ciência da Informação). Nessa edição, o artigo de Faulstich propõem que o trabalho socioterminológico contribui diretamente com a base metodológica, enfatizando que um especialista em terminologia necessita atentar para uma série de posturas práticas, dentre elas: identificar o usuário da terminologia a ser trabalhada; descrever o termo no tocante de suas características linguísticas e de suas variantes; consultar especialistas da área; delimitar o corpus; selecionar a documentação bibliográfica pertinente; atentar para as condições de produção e de recepção do texto científico e técnico; analisar o funcionamento dos termos quanto à sintaxe e à semântica; e registrar o termo e as suas



variantes (FAULSTICH, 1995). Esta síntese demonstra a importância do detalhamento terminológico conforme a imersão e interação com a documentação, os sujeitos e o ambiente onde as terminologias ganham *status*, forma e contexto. Além disso, buscou-se um diálogo de tal perspectiva na Ciência da Informação.

O ponto de convergência dessa disciplina está em solucionar problemas que estão para além dos parâmetros tradicionais de observação da natureza conceitual dessas unidades terminológicas, pois avaliam a configuração que orienta o contorno dessas unidades e, conseqüentemente, a prescrição da definição e do uso de seus conceitos. Portanto, são necessários avaliar outros fatores e reconhecer o uso social dos termos, já que “a pesquisa socioterminológica exige o registro de todas as variações que levam em conta os contextos sociais, espaciais, culturais e linguísticos em que os termos circulam (RAUCH; BARITÉ, 2017, p. 217). Outro ponto destaque, é que cada sujeito deve ser relevante: o cientista e o teórico que formulam postulados e elaboram as definições e relações conceituais dos termos; os profissionais que elaboram e realizam a gestão de terminologias; e a comunidade geral, essa última não científica e por vezes não habituada com a linguagem e as características esotéricas das especialidades do conhecimento, mas que, de forma direta ou indireta, se beneficiam do uso dessas unidades.

Diante desses postulados, é indispensável ter entendimento de um dos objetivos socioterminológicos comentado por Gambier (1991) que consiste na modelização dessa dupla questão: a relação do conceito com o enunciado e os modos de transformação do conceito e do enunciado, sendo relevante ponderar o que está dentro e fora do campo especializado e associar esforços para compreender o papel cognitivo do sujeito cognoscente. Isso problematiza de um lado, a predominância e o caráter técnico e científico que conduzem o uso validado e padronizado do termo, e do outro lado, o uso no âmbito social e popular em relação ao conhecimento não científico. Esse último lado, pode ser concebido pelo aparecimento de novas unidades responsáveis por dispersões e suas conseqüências na comunicação diante das interpretações e do reconhecimento de grupos semânticos e, também, perante outros tópicos analisados pelos estudos dos léxicos. Deve ser revisto o fato de que as terminologias são essenciais para a execução de atividades em diversos setores sociais, políticos, culturais e econômicos, logo, também é necessário atender as demandas desses setores. Em reflexão, analisando Gambier (1991) e Gaudin (2005; 2007; 2014), em



circunstâncias políticas, há uma negociação na noção socioterminológica diante da dimensão social, podendo ser conferida com as mudanças das quais os terminólogos vivenciam no campo de estudo e também na adaptação do trabalho terminológico e das terminologias para diversas e novas tecnologias.

#### **4 TERMOS E VARIANTES**

Há uma série de dificuldades atreladas à padronização de termos. O surgimento de novos conceitos durante a prática, antes mesmo da interferência direta de uma epistemologia e uma teoria consolidada, faz parte desse cenário. A trajetória da utilização das terminologias percorre diferentes canais formais e informais, ocorrendo por meio das comunicações em eventos, durante as trocas de experiências nos laboratórios e nas atuações técnicas e científicos. Isso confere uma complexidade e uma pluralidade de características que podem ou não modificar a história de um termo.

O termo deve permitir uma ligação com o conceito, o uso pelos falantes e as funções de nomeações oficiais e de marcadores identitários circulantes em setores da experiência humana e algumas vezes limitados em domínios (GAUDIN, 2014). Por outro lado, atesta o valor científico em normalizar e incumbir o caráter informativo e elucidativo das definições terminológicas para a sociedade geral. Contudo, há termos que sofrem com alterações diante de seu uso e conferem imprecisões ou consequências negativas. O autor afirma ainda que os termos possuem uma função regulamentar que uma norma precisa se impor, pois há setores de denominações regulamentares que não pode dar-se as variações, como caso dos setores de seguridade, de direito e de proteção aos consumidores. Isso acontece também em setores de saúde e vigilância sanitária, dos quais as variações terminológicas quando não são analisadas e geridas podem ocasionar ações e atividades que comprometam a saúde e a segurança de pacientes e determinados grupos, sendo inviáveis a garantia da confiabilidade e da função de documentos, dentre os quais prescrições médicas, laudos, exames, relatórios e outros registros. Aqui o assunto das variações chega bem próximo dos diálogos acerca do discurso científico, da informação para cidadania e das questões bioéticas.

Há situações onde os termos circulam e não são entendidos entre os usuários ou parte deles. Para Strehler (1995) as chamadas “variantes socioprofissionais” são comuns na interação entre profissionais e consumidores, como no caso de engenheiros, fabricantes de peças e produtos, além do público constituído por consumidores e mecânicos. É típico nesses



casos, os consumidores utilizarem variantes para denominar uma definição que já tem um termo normalizado e difundido nas indústrias e tecnologias. O que acontece no cenário profissional é o ruído entre os especialistas e o público consumidor.

Considerando a produção de terminologias resultante de processos da aplicação de normas e fundamentação da Terminologia, Cabré (2005) explica que o reducionismo e a uniformização podem ser causas gerais decorrente da Teoria Geral da Terminologia e que essas restringem as concepções que buscam entender os aspectos comunicativos dos termos com a presença das variações e dos demais aspectos que influenciam as estruturas conceituais. Convém discriminar os impactos negativos das imprecisões advindas das atividades técnicas e científicas e aquilo que as propostas normativas não conseguem atender, pois “[...] o espaço que ocupa uma norma técnica é vasto, no entanto é a necessidade dos falantes, que, de modo geral, minimiza a confusão terminológica.” (GAUDIN, 2014, p. 7).

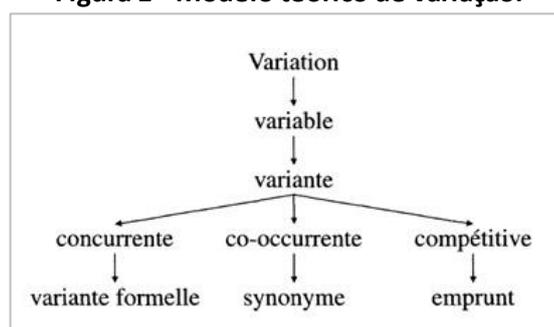
É complexo identificar pontos analíticos capazes de integrar um planejamento terminológico. Se pensarmos no caso dos fabricantes e produtores na área da engenharia, é relativamente fácil colecionar variantes socioprofissionais para termos utilizados por ambos os grupos. Contudo ainda assim, a questão recai para os problemas encontrados quando se precisa verificar termos que existem somente na língua oral (STREHLER, 1995). Essas variantes são objetos de estudo na Socioterminologia e integram não somente análises, mas o processo que visa a elaboração de instrumentos terminológicos adequados aos públicos e metas específicas, como o caso de estudos de traduções e terminologias em Libras.

Para Faulstich (2006), o percurso, então, se encaminha para a abertura de uma percepção que chega até os espaços onde ocorrem as flexibilizações e as atualizações nos processos de comunicação, ou seja, se aproximar de quem e onde a comunicação acontece. Entretanto, se faz necessário salientar a diferença conceitual entre a variação e a variante, a primeira é entendida como processo, já a segunda enquanto protocolo natural de evolução. A sua vez, Boulanger (1991, p.8) comenta os objetivos da Socioterminologia e a sua ligação com a variação linguística argumentando que ela se volta a certos objetivos prioritários como por exemplo, examinar “os mecanismos de comunicação do conhecimento, a troca de saberes por transmissão oral e escrita, as influências territoriais nas terminologias que rodeiam um domínio comum elaboradas numa língua. Portanto, a variação linguística não é excluída. Rauch e Barité (2017, p. 217) definem variante como “[...] cada uma das formas ortográficas



que um termo pode assumir, como resultado dos diferentes usos que uma sociedade faz dele devido à sua diversidade linguística, socioeconômica, geográfica, etnográfica ou cultural”. Percebe-se a fusão entre variante e a função do termo em usos sociais, pois isso não faz parte somente da concepção da Linguística e da língua geral, uma vez que o contexto da língua de especialidade também se insere no contexto geral dos falantes. Gaudin (2014) considera que há termos que favorecem determinada variação linguística e em consequência requer alguma flexibilidade para assegurar as tarefas de produção, transmissão e apropriação dos conhecimentos em uma língua. Na Socioterminologia, a variante é cada uma das formas que um termo assume e resultam dos diferentes usos que a comunidade utiliza, onde um termo pode ser considerado conforme a diversidade social, linguística e geográfica, ademais, essa perspectiva está focada na variação social de um termo considerando os diversos níveis, planos científicos e a dimensão vocabular dos termos (SILVA, 2007). Portanto, direcionada à determinada área, especialidade ou disciplina e se difere do léxico geral, sendo imprescindível compreender que “[...] somente na dimensão vocabular de um corpus textual, de preferência especializado, é possível avaliar o que varia e como as terminologias variam” (FAULSTICH, 2006, p. 29). O modelo teórico de variação é apresentado na figura 1 enquanto ilustração da noção das variantes, em que as unidades das terminologias necessitam de análises conforme a identificação dos fenômenos e registros de tais variantes.

**Figura 1 - Modelo teórico de variação.**



Fonte: Faulstich (1998, p. 102)

Partindo da variação, a variante tem suas respectivas categorias: a concorrente, tida como variante formal; a concorrente sinônimo; e a competitiva. Faulstich (1998) explica que a variante formal, ou concorrente, é uma forma de variante linguística que corresponde a uma das possibilidades de nomenclatura para um mesmo referente. Já as variantes concorrentes são aquelas que correspondem a duas ou mais denominações para um mesmo referente,



podendo assumir a função de avanço no discurso e organização da coesão lexical de uma mensagem. As variantes concorrentes se destacam por serem consideradas enquanto empréstimos linguísticos e originam-se de uma língua estrangeira. Essas últimas se consolidam como nova opção para a língua receptora, isso é comum em terminologias onde há obstáculos identificados nas traduções. Colaborando, Silva (2007) aponta detalhe de uma classificação, mencionando que o primeiro grupo de variantes formais abrangem duas subcategorias: as formais terminológicas linguísticas, das quais incluem as variantes morfossintáticas, lexicais e gráficas; e as formais socioterminológicas de registro, englobando os tipos de variantes geográficas, discursivas e temporais. Ambas são decorrentes de transformações e atualizações que conferem novos modelos e opções para o usuário. Esses protocolos se associam a uma probabilidade de ocorrência e as variantes se admitem como variáveis dependentes, especialmente no processo de variação quando entre duas entidades (X e Y) ambas disputam a mesma posição, e já uma variante (X) ocupa um espaço linguístico e perpassa no espaço pragmático e sociocultural até produzir uma mudança (Y) (FAULSTICH, 1998; SILVA, 2007). A variação na Terminologia pode ser compreendida com base nos cinco postulados:

a) dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade, univocidade ou monorreferencialidade e associação da noção de heterogeneidade ordenada com estrutura terminológica; b) abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado; c) aceitação do fato de que, sendo a terminologia um fato da linguagem, ela contém elementos que variam; d) aceitação de que a terminologia varia e que essa variação pode indicar uma mudança contínua; e) análise da terminologia em co-textos linguísticos e em contextos discursivos de linguagem escrita e falada. (FAULSTICH, 1998, p. 101).

Os postulados circunscrevem premissas da tradição terminológica a partir de uma visão crítica, principalmente acerca da univocidade e do isomorfismo da tríade termo-conceito-significado. Faulstich (1998) focou em destacar análises que associam o conhecimento do sistema linguístico com o emprego da terminologia escrita e falada no cotidiano dos seus usuários, isso está para além do planejamento tradicional. Analisando a teoria e a noção de variações, verifica-se no quadro 1 a tipologia de variantes mais comuns nas especialidades.

**Quadro 1 - Tipos de Variantes**

Variante	Definição	Exemplos
----------	-----------	----------



<b>Gráfica</b>	Variante em que o registro escrito ou oral aparece diferente em outro (s) contexto (s), como taxonomia e taxionomia.	Taxonomia e taxionomia
<b>Lexical</b>	Variante em que o item lexical ou parte dele pode ser comutado sem que o significado terminológico sofra radical mudança.	Software educacional e software educativo
<b>Morfossintática</b>	Variante em que o conceito não se modifica por causa de alternância de elementos gramaticais, destacando-se em casos de sintagmas terminológicos.	Lombo-d´acém e lombinho-do-acém
<b>Socioprofissional</b>	Variante em que o conceito e o significado não sofrem alteração conforme a função da mudança dos registros, ou seja, são casos de estratificação vertical.	Tensor de distribuição e esticador [especialidade de autopeças]
<b>Topo letal ou geográfica</b>	Variante em que o conceito e o significado não são alterados em decorrência da mudança no plano horizontal da língua.	Como parotidite [epidêmica] Caxumba e papeira

Fonte: Adaptado (FAULSTICH, 1998)

Faulstich (1998) considera que o fenômeno da variação acontece pelo movimento gradual da linguagem no tempo e no espaço. Com base nos exemplos tratados, cada categoria denota o principal motivo de mudança nesse movimento percorrido no tempo e no espaço. Os exemplos integram outros elementos descritivos utilizados no registro de todas as variantes existentes para um determinado plano terminológico. Em reflexão diante dos trabalhos de Faulstich (1995) e Silva (2007), entende-se que durante as etapas do trabalho socioterminológico, as variantes descritas e indicadas na ficha de terminológica possibilitam a análise das questões envolvendo a variação em determinada especialidade. A inclusão de registros nesse molde fornece novas formas para cada unidade que permite abranger as demandas de usuários e a criação de dicionários, glossários, tesouros e outras compilações terminológicas mais adequadas as condições do seu contexto de uso e produção. Faulstich (1995) cita os tesouros no mesmo plano de instrumentalização terminológica e prática de processar as variantes, isso vai ao encontro dos apontamentos de Gaudin (2005, 2014) e Gambier (1991) que procura uma adaptação de postulados terminológicos em favor de contribuições para tratamento termos em sua dimensão social.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação acerca do tema revisou conceitos importantes da Socioterminologia responsáveis por reiterar a questão da variação dos termos. A literatura demarca pontos importantes de uma trajetória marcada pelas negociações, principalmente, em relação à Terminologia, à Linguística, à Sociolinguística e à Socioterminologia. Essa última, uma



disciplina disseminada, mas pouco explorada nos últimos estudos tratados na Ciência da Informação que envolvem os tópicos de terminologias em tesouros, taxonomias e vocabulários.

Os autores percussores da perspectiva socioterminológica forneceram um quadro teórico e prático para o tratamento de termos considerando sua dimensão social. A maior contribuição pode ser notada na retomada de uma abordagem que compreende o equipamento terminológico em meio as preocupações sociais e políticas. Além de considerar através das variantes, as mudanças ocorridas com o uso das terminologias em diversos contextos e a importância dos termos para a compreensão de sistemas conceituais que englobam o sistema linguístico e que sucintam a pragmática e a semântica. Outro ponto de convergência, é aquele em que os autores apresentam as variantes e salientam a necessidade de planos e políticas focadas nos usuários, terminólogos e especialistas em sintonia com uma determinada especialidade ou domínio.

A pesquisa se fixou em um esboço inicial, pois considera que o tema precisa ser explorado com maior profundidade em relação às teorias, abordagens, normas e princípios que embasam a construção, a manutenção e a avaliação de tesouros e outros instrumentos de representação, reconhecendo que as variantes terminológicas estão presentes na natureza do termo. Enquanto limitação, o estudo detectou uma literatura dispersa em diferentes disciplinas e áreas, isso conduziu para uma dificuldade em aproximar o tema aos estudos que evidenciam o uso da Socioterminologia e contribuições mais clara para a Ciência da Informação. Para propostas futuras, outros estudos podem explorar a relação mais estreita entre as variantes e os postulados que orientam as relações entre os termos de um tesouro, ou até mesmo a prática socioterminológica na construção de tesouros.

## REFERÊNCIAS

- BOULANGER, Jean-Claude. Une lecture socioculturelle de la terminologie. **Cahiers de linguistique sociale**, v. 18, n. 3, p. 13-30, 1991. Disponível em: [https://boulanger.recherche.usherbrooke.ca/document-article-boulanger\\_1991](https://boulanger.recherche.usherbrooke.ca/document-article-boulanger_1991). Acesso em: 20 set. 2021.
- CABRÉ, María Teresa. **La terminología**: representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística aplicada, Universitat Rompeu Fabra, 2005.
- FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, p. 1995. DOI: 10.18225/ci.inf..v24i3.566. Acesso em: 20 set. 2021.



FAULSTICH, Enilde. Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie. **Terminology. International Journal of Theoretical and Applied Issues in Specialized Communication**, v. 5, n. 1, p. 93-106, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1075/term.5.1.08fau>. Acesso em: 4 out. 2021.

FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 2, p. 27-31, 2006. Disponível em : <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

GAMBIER, Yves. Travail et vocabulaire spécialisés: prolégomènes à une socio-terminologie. **Meta: journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal**, v. 36, n. 1, p. 8-15, 1991.

GAMBIER, Yves. Problèmes terminologiques des pluies acides: pour une socio-terminologie. **Meta**, v.32, n. 3, p. 314–320, 1987. Disponível em: <https://apropos.erudit.org/fr/usagers/politique-dutilisation>. Acesso 12 jul. 2021

GAUDIN, François. La socioterminologie. **Langages**, n. 1, p. 81-93, 2005. DOI: 10.3917/lang.157.0081. Acesso em: 20 set. 2021.

GAUDIN, François. Quelques mots sur la socioterminologie. **Cahiers du RIFAL**, n. 26, p. 26-35, 2007.

GAUDIN, François. Socioterminologia: um itinerário bem-sucedido. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri, CORNO, Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (Org.). **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2014, v. 7, p. 293-309.

RAUCH, Mirta; BARITÉ, Mario. Glosario de Terminología. *In*: CATALÁ, Sara Álvarez; BARITÉ, Mario. (Org.) **Teoría y praxis em terminologia**. Uruguay: CSIC, Universidad de La Republica, 2017, p. 197-218.

SILVA, Moisés Batista. **A terminologia do sal no RN**: uma abordagem socioterminológica. 2007. 211 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/5903>. Acesso em: 20 dez. 2021.

STREHLER, René G. A socioterminologia como base para a elaboração de glossários. **Ciência da informação**, v. 24, n. 3, 1995. DOI: 10.18225/ci.inf..v24i3.575 Acesso em: 21 set. 2021.

TAYLOR, Dena; PROCTER, Margaret. **The Literature Review**: A few Tips on Conducting it. University of Toronto, 2011. Disponível em: <https://advice.writing.utoronto.ca/wp-content/uploads/sites/2/literature-review.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2021.

TEMMERMAN, Rita. **Towards new ways of terminology description**: The sociocognitive-approach. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 2000.